

UM ENSINO MAIS HUMANO BASEADO NA PEDAGOGIA WALDORF

Ana Maria de Sylvio Cotellessa *

Este texto não pretende formular uma teoria sobre a necessidade de uma nova estrutura na educação, mas provocar o surgimento de uma mentalidade educacional.

Há muito tempo se ouve sobre este ou aquele procedimento para com a criança. O preparo pedagógico consiste freqüentemente de mandamentos e regras a respeito de como tratar o aluno. E isso faz com que os educadores não cultivem a plena dedicação ao seu trabalho.

Rudolf Steiner (1861 - 1925) foi um dos maiores pensadores de todos os tempos, cujo domínio das ciências modernas é tão admirável quanto seu conhecimento no campo das ciências antigas. Ele não foi mais místico que Albert Einstein; foi em primeiro lugar cientista, mas um cientista que ousava penetrar nos segredos da vida, enquadrando-se na cosmovisão científica. O movimento pedagógico inaugurado por ele chegou a ser conhecido, sob o nome de uma fábrica de cigarros, como o "Movimento Escolar Waldorf".

O Conselheiro Emil Molt, diretor da "Waldorf-Astoria", estava preocupa-

do com que os operários da empresa a ele confiada fossem estimados e incentivados como seres humanos. Cursos de instrução para operários, e também para os seus filhos, faziam parte das realizações da firma, medidas sociais voluntárias que, naquele tempo, ainda estavam entre as raridades.

Emil Molt solicitou a ajuda de Rudolf Steiner para fundar uma escola empresarial. Assim nasceu, um ano após o colapso total do Império Alemão em 1919, a primeira escola Waldorf - inicialmente como escola fabril de uma indústria de cigarros.

Atualmente existem escolas Waldorf em diversos países, inclusive no Brasil, utilizando um método educacional baseado nos ensinamentos de Rudolf Steiner. Os seus ensinamentos estão consubstanciados numa ciência espiritual, a antroposofia (uma visão do Universo e do Homem obtida segundo métodos científicos), tendo por tarefa dar uma cosmovisão prática que abraja a essência da vida humana. A Pedagogia Waldorf não se limita a essa visão; baseia-se fundamentalmente no encontro entre homens, isto é, na relação professor-aluno.

* Professora do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia.

A Pedagogia Waldorf não é exatamente algo que se possa aprender, sobre o qual se possa discutir: é pura prática. A própria prática surge a partir da experiência imediata, pois é imprescindível haver o conhecimento humano adequado quando se parte dessa convicção. A Pedagogia e a didática são uma questão social marcadamente ampla, pois a educação da criança deve realmente começar logo após o nascimento. Isto nada mais significa senão que a educação é atribuição de toda a humanidade, de cada família, de cada comunidade humana.

Os três primeiros anos de vida, e consequentemente os demais até o sétimo, são de suma importância para o desenvolvimento integral do homem. A criança é um organismo totalmente sensorial, totalmente diversa de uma condição posterior. Na vida posterior o homem experimenta o sabor do alimento com a boca, com o palato, com a língua. Na criança isto não ocorre, especialmente nos três primeiros anos, quando o sabor atua através de todo o organismo. A criança saboreia até com os membros o leite materno e a primeira alimentação. O que, em idade posterior, ocorre na língua, na criança se processa em todo o organismo.

Tendo em mente que a criança reproduz pela imitação tudo que a circunda, nos primeiros anos três faculdades são adquiridas e que condicionarão toda a sua vida: andar, falar, pensar.

O andar – a criança aprende a andar pelo fato de este aspecto ser o

mais evidente. Mas este aprender a andar implica colocar-se em posição de equilíbrio diante do mundo espacial. Aprender a andar significa encontrar as direções espaciais do mundo e nelas engajar o próprio organismo.

Quando começamos, como educadores, a introduzir coação, por mínima que seja, naquilo que a natureza humana individual quer; quando não compreendemos a necessidade de deixá-la livre e sermos apenas os guias auxiliares, prejudicamos então a organização humana para toda a vida. Precisamos saber que na idade infantil se encontra o germe de toda a vida humana.

A criança, por ser um organismo sensorial extraordinariamente delicado, é sensível não somente às influências físicas de seu meio ambiente, mas principalmente às influências mentais. Por mais paradoxal que possa parecer à mentalidade materialista, a criança sente o que pensamos à sua volta. É que a criança estrutura seu ser não somente de acordo com nossas palavras ou ações, mas segundo nossa atitude moral, nosso desempenho mental e afetivo. E para a primeira época da educação infantil até o sétimo ano é sumamente importante o ambiente à sua volta.

Uma criança amorosamente conduzida a andar torna-se uma pessoa sadia. E empregar o amor no aprendizado do andar contribui consideravelmente para a educação corporalmente sadia da criança.

O falar desenvolve-se a partir da orientação no espaço. A maneira como a criança aprende a andar, a orientar-se no espaço, como aprende a converter os primeiros e indeterminados movimentos dos braços em gestos conseqüentes, relacionados com o mundo exterior, tudo isso se transporta através da misteriosa organização interna do homem para a organização da cabeça, manifestando-se na fala.

Todo o matizado da fala é devido à organização motora. A vida se manifesta primeiramente em gestos, e os gestos transbriam-se interiormente no elemento motor da fala. Assim, o falar é um resultado do andar, isto é, do orientar-se no espaço. E do fato de levarmos amorosamente a criança a andar é que muito dependerá a sua maneira de dominar a fala.

E se no aprendizado do andar a ajuda que prestamos como guias auxiliares deve ser impregnada de amor, em nossa ajuda no aprendizado da fala é necessário sermos interiormente verdadeiros. A maior falsidade da vida se engendra enquanto a criança aprende a falar, pois aí a veracidade da fala é captada pelo organismo físico.

E uma das falsidades consiste no fato de acreditarmos fazer bem à criança reduzindo-nos, pela fala, ao nível infantil. Em seu inconsciente a criança não quer ser interpelada em linguagem infantil, mas ouvir algo que corresponda à autêntica linguagem do adulto.

Exatamente como a fala surge do andar, do apalpar, do movimento humano, surge depois **o pensar** a partir da fala. Façamos predominar a clareza em nosso pensar ao redor da criança, para que esta, sendo toda ela um órgão sensorial, reproduza interiormente, no organismo físico, também o elemento espiritual, com o qual possa extrair do falar um pensar correto.

O maior prejuízo que podemos causar à criança ocorre quando damos qualquer ordem que depois revogamos dizendo algo diverso, confundindo então as coisas. Provocar confusão pelo pensar em presença da criança é a verdadeira raiz do nervosismo.

Visto que todas as pessoas são educadores para a idade entre o nascimento e o sétimo ano de vida, situamo-nos simplesmente também diante da tarefa social decorrente do fato de ser absolutamente necessário um verdadeiro conhecimento do homem para que a humanidade empreenda um caminho ascendente.

Nossa civilização tão orientada para o físico, sensorial, e pouco orientada para o espiritual e anímico, introduziu na educação infantil um terrível flagelo, totalmente despercebido pelo fato de atualmente se atentar tão pouco ao espírito.

A família costuma presentear a menina, em idade lúdica, com uma linda boneca de plástico, com cabelos quase legítimos, corretamente pintada e com

olhos móveis. Esta boneca sempre parece horrível a criança, por ser anti-artística – imagem de produção em massa com seu peso desproporcional ao tamanho, suas cores antinaturais dando, assim, um toque artificial; constitui algo ilusório em total desacordo com o que a Pedagogia Waldorf pretende transmitir às crianças. Assim como tais bonecas são introduzidas nas brincadeiras das crianças, são-lhes oferecidos também brinquedos de forma horrível e anti-artística, mas supostamente imitando a vida. Um bom brinquedo deveria conduzir a criança a uma entrega calma a si mesma, mas o que acontece é um total desinteresse pelo brinquedo, pois o mesmo é oriundo da fantasia do adulto que pensa só em obter lucro, ignorando a natureza infantil. O brinquedo deve ser um incentivo, permitindo à criança desenvolver a sua fantasia, e não, um produto acabado.

Não devemos flagelá-la interiormente através de lindas bonecas, mas poder conviver com ela e moldar a boneca que ela própria vivencia interiormente. Levando em consideração aquilo que a criança experimentou em seu pensar simples até o sétimo ano, no processo de andar, confecciona-se então uma boneca com um pedaço de pano, tendo uma cabeça na parte de cima e, quando muito, duas manchas de tinta como olhos. Tem-se então nessa boneca tudo o que a criança pode compreender, e também amar. Já existem, de forma primitiva, as características da figura humana na extensão em que a criança pode observá-las em sua idade.

A criança brinca: é o conteúdo principal de sua vida pré-escolar, pois é através da brincadeira que ela dá livre curso a sua fantasia, a todos os impulsos que lhe vêm do corpo e da imaginação.

A criança em idade pré-escolar quer criar seu pequeno mundo de imitações: seus brinquedos deveriam ser tão simples que se prestassem à transformação imaginativa.

Em nossa civilização ocidental, o homem moderno vive, consciente ou inconscientemente, numa idolatria da abstração, da fórmula, da quantificação, da tecnologia, faltando-lhe, cada vez mais, a capacidade para uma abordagem mais ampla que inclua vivências estéticas. As crianças são modeladas pelo ambiente em que vivem, atrofiando, assim, a sua personalidade e bitolando o seu modo de pensar. Devemos, pois, deixar a criança dar livre curso a sua fantasia e a todos os impulsos que lhe vêm do corpo e da imaginação. É isto que pode conduzir à plenitude do ser humano a desabrochar.

Os educadores têm uma missão cultural: eles não conduzem os educandos aproximando-os de si, mas conduzem distanciando-os, de degrau em degrau, para que encontrem sua perfeita relação com o seu próprio mundo, com seu próprio destino. Se chegar o momento em que podem prescindir dessa tutela formando sua própria vida, dirigindo seu próprio destino, terão os educadores alcançado a meta de que foram incumbidos de levar a termo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HEMLEBEN, Johannes. **Rudolf Steiner: monografia ilustrada**, São Paulo: Ed. Antroposófica, 1984.
- KÜGELGEN, Helmut von. **La Educacion Como Obra de Arte**, México: Editorial Antroposófica, 1984.
- LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**, São Paulo: SUMMUS, 1979.
- STEINER, Rudolf. **A educação da criança: segundo a ciência espiritual**, São Paulo: Ed. Antroposófica, 1984.